UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *I CAMPUS* XI – SERRINHA
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DENISE SANTOS CARVALHO

OLHAR-SE, REFLETIR, REINVENTAR-SE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

SERRINHA-BAHIA
2022

DENISE SANTOS CARVALHO

OLHAR-SE, REFLETIR, REINVENTAR-SE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XI, Serrinha, como requisito parcial para a obtenção do grau de Professora Licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Santos de Oliveira

SERRINHA – BAHIA
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

OLHAR-SE, REFLETIR, REINVENTAR-SE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

DENISE SANTOS CARVALHO

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XI, Serrinha, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEO(*BIO*)GRAFAR: Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título / grau de Professora Licenciada em Geografia.

Serrinha - Bahia, 15 de Julho de 2022.

Banca Examinadora:

Simone Santos de Oliveira – Orientadora
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutora em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Claudene Ferreira Mendes Rios
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestra em Ensino de Filosofia e História das Ciências – UFBA

Patrícia Pires Queiroz Souza
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Mestre em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dedicatória

Dedico esse trabalho a Deus pela vida, aos familiares e amigos pelo carinho e apoio!

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e por permitir chegar até aqui vencendo cada etapa de desafios, decepções e superações, dando-me força, fé e coragem nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais Maria de Lourdes e Maximiano pelo amor, carinho e proteção. Aos meus irmãos Verônica, Daniela, Valéria e João Marcus pelo amor e apoio.

A minha filha Lara, por me compreender e amar incondicionalmente essa mãe, mesmo estando ausente em alguns momentos.

Ao meu esposo Jadson, pelo amor, carinho, afeto e compreensão, obrigado por cuidar da nossa filha nos momentos em que mais precisei.

Ao meu cunhado, Giovanni, pelo incentivo e apoio.

Às minhas amigas e colegas de curso de Licenciatura em Geografia que compartilharam as alegrias, angústias e saberes, em especial, a Natiely, que esteve sempre presente ao meu lado, incentivando-me e aconselhando-me.

À orientadora, Pró Simone Santos de Oliveira, por sua dedicação, acolhimento e amor, gratidão por auxiliar no desenvolvimento desse trabalho e acreditar em mim.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram, de alguma forma, durante a minha trajetória.

OLHAR-SE, REFLETIR, REINVENTAR-SE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

Denise Santos Carvalho

Resumo:

O presente trabalho é fruto das discussões iniciadas na disciplina Prática de Ensino, no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XI, Serrinha. Trata-se de um texto decorrente de uma pesquisa qualitativa, ancorada no método autobiográfico, no viés de narrativa de formação, cuja pergunta mobilizadora foi: -Como foi a trajetória de formação inicial de uma estudante do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da UNEB de Serrinha? A partir deste questionamento inicial, duas outras questões alimentaram esta escrita: - Qual a importância e funcionalidade do memorial de formação no curso de Licenciatura em Geografia do DEDC/UNEB/*Campus* XI? - Quais memórias de aprendizagens mais significativas emergiram da formação docente? O objetivo geral que direcionou esta escrita foi evidenciar a importância das narrativas de formação e do método autobiográfico na formação de professores de Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus* XI/Serrinha). Já os objetivos específicos são: - discutir sobre a funcionalidade da construção de memoriais de formação na perspectiva da formação inicial docente; - apresentar as memórias de aprendizagens mais significativas que emergiram da formação inicial docente durante a trajetória formativa no DEDC/UNEB/Campus XI/Serrinha. Este artigo descreve e analisa o vivido, sobretudo durante a formação inicial docente, vivenciada no curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XI, Serrinha, cujas fontes são as próprias memórias da autora deste artigo. Conclui-se que a escrita de narrativas durante o processo de formação inicial docente potencializa a formação, ao permitir o sujeito narrador/escritor rememorar o que viveu e aprendeu, tecer análises, refletir sobre o vivido, experienciado e compreender a sua formação docente para articular as aprendizagens adquiridas com o saber fazer docente.

Palavras-chaves: Narrativas de formação; formação inicial; prática docente.

Olhar-se: por uma introdução

Os seres humanos são, por natureza, contadores/narradores de histórias. Desde os primórdios da humanidade, as narrativas estão presentes no cotidiano sendo passadas de geração em geração e, ainda hoje, é comum que esse ato se repita.

Para Cavalcante (2011), narrar não é apenas compartilhar uma experiência, é um ato generoso. Narrar é viver e contar, ao contar poder ou não despertar experiências no outro que ouve ou lê o conteúdo narrado.

Este trabalho está ancorado no método autobiográfico e decorre das minhas experiências e aprendizagens adquiridas ao longo do meu processo de formação, sobretudo no âmbito do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XI, Serrinha, pois, enquanto professora em formação, narro minha história através deste texto que se constitui como um memorial de formação, uma vez que ele é uma escrita centrada na "[...] meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos pelos sujeitos." (SOUZA, 2004, p. 72).

Podemos assim destacar que o memorial de formação se configura como um texto autorreflexivo de uma trajetória acadêmica. Nele, encontramos experiências, vivências e atividades executadas. É um dispositivo acadêmico que possibilita visualizar a construção do processo formativo, no qual o estudante narra suas experiências vivenciadas durante a sua formação profissional. No entanto, Passeggi (2010, p. 104) sublinha que "uma longa caminhada separa a espontaneidade dessa ação e o ato deliberado de escrever sobre a própria vida: tanto do ponto de vista da filogênese, quanto da ontogênese". Para a referida autora, os memoriais têm se constituído como "instrumentos [...] cada vez mais sofisticados e as biografias reservadas inicialmente a fatos memoráveis de personalidades históricas, democratizaram-se" (PASSEGGI, 2010, p. 104).

Não devemos considerar o ato de escrever sobre si apenas como intimidante, pois é uma tarefa que apresenta a possibilidade de refletir sobre os

triunfos e fracassos sobre aquele período vivido. É a oportunidade de descobrir a essência da história de nossas vidas.

Oliveira (2017) destaca que aprofundar uma escrita é um trabalho árduo, já que cada narrador tem uma história singular e uma maneira própria de registrar os fatos e fenômenos pessoais, formativos e profissionais, mesmo trilhando a mesma linha e método teórico-metodológico, cada pessoa carrega informações singulares e únicos sobre si. No entanto, recorrer à memória nem sempre é fácil porque temos muitas travas atreladas às situações passadas. Um trauma pode bloquear momentos que, talvez, só sejam possíveis lembrá-los com a ajuda de um psicólogo, psiquiatra ou neurologista. É necessário estar bem emocionalmente para conseguir ser minucioso nas lembranças e poder olhar para trás com orgulho ou não da linha do tempo que construiu. Faz parte da natureza humana o sujeito querer uma vida com propósitos e vivências que deem sentido à vida. Para Passeggi (2010, p. 112), “a pesquisa (auto)biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos […] e/ou grupos […] atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de sua formação humana, no decurso da história”.

Nessa perspectiva, sobretudo a partir do que afirma Passeggi (2010), compreendemos que falar de si é mergulhar nas próprias memórias, reviver uma história, refletir sobre ela, verificar o que foi significativo e aprendido com ela para traçar outros caminhos e nos reinventarmos. Ao adentrar nesse mundo, você descobre situações que estavam em evidência, podendo interferir diretamente nas nossas escolhas atuais, sejam essas escolhas acadêmicas, profissionais ou mesmos pessoais.

Concordamos com Souza (2004), ao destacar que a escrita da narrativa permite que o narrador conte para si suas experiências e aprendizagens vividas no decorrer de sua origem por meio do conhecimento de si. Para entender esse conhecimento de si, é necessário retomar a sua história pessoal e reviver tudo que foi experimentado ao longo da vida, pois é um movimento que decorre da tríade ação-reflexão-conhecimento.

Para Sousa e Cabral (2015), as narrativas se constituem como um ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo. Assim, ao recordar e narrar as experiências que foram marcantes em meu processo formativo, considerando desde o período escolar até a

universidade, tenho a oportunidade de articular teoria a prática, potencializando, assim, o processo de (atuo)formação.

O presente trabalho é fruto das discussões iniciadas na disciplina Prática de Ensino I, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XI, Serrinha, no primeiro semestre, quando tivemos a oportunidade de revisitar nossas memórias estudantis, através de narrativas escritas solicitadas pela Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal, como dispositivo avaliativo naquele semestre, o que me inquietou muito, despertou a curiosidade em conhecer um pouco mais sobre a autobiografia, me possibilitou ampliar as leituras sobre o método (auto)biográfico e me permitiu escrever este artigo, submetido à análise, como trabalho de finalização de curso. Nesse contexto, este estudo tem como tema as narrativas sobre o vivido, cuja escrita intitula-se "Olhar-se, refletir, reinventar-se: memórias e aprendizagens de uma professora de Geografia em formação inicial", uma forma de evidenciar a importância das narrativas de formação e do método autobiográfico na formação de professores de Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus* XI/Serrinha).

Diante da relevância desse tema, este artigo buscou resposta para o seguinte problema: - Como foi a trajetória de formação inicial de uma estudante do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da UNEB de Serrinha?

A partir deste questionamento inicial, duas outras questões alimentaram esta escrita:

- Qual a importância e funcionalidade do memorial de formação no curso de Licenciatura em Geografia do DEDC/UNEB/*Campus* XI?

- Quais memórias de aprendizagens mais significativas emergiram da formação docente?

O objetivo geral que direciona esta escrita é evidenciar a importância das narrativas de formação e do método autobiográfico na formação de professores de Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus* XI/Serrinha).

Já os objetivos específicos são: - discutir sobre a funcionalidade da construção de memoriais de formação na perspectiva da formação inicial docente; - apresentar as memórias de aprendizagens mais significativas que

emergiram da formação inicial docente durante a trajetória formativa no DEDC/UNEB/Campus XI/Serrinha.

Trata-se, portanto, de um texto reflexivo, ancorado no método autobiográfico, no viés de narrativas de formação, que descreve e analisa o vivido, sobretudo durante a formação inicial docente, vivenciada no curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XI, Serrinha, cujas fontes são as próprias memórias da autora deste artigo.

Considerando a importância metodológica de pesquisa (auto)biográfica enquanto etapas procedimentais e buscando desenvolvê-la como método de investigação, o presente trabalho contou inicialmente com a realização de uma primeira etapa, constituída como um levantamento e revisão bibliográfica que ocorreu através de diferentes fontes, a fim de compreender as potencialidades das narrativas como fontes de pesquisa no processo de formação docente e suas implicações na formação profissional e na prática docentes.

A segunda etapa constituiu-se na rememoração dos fatos e acontecimentos sobre os percursos da autora, sobretudo de formação docente, das narrativas produzidas durante os primeiros semestres do curso de Licenciatura em Geografia e na seleção dessas memórias para a organização desta escrita. Deste modo, foi possível estabelecer uma relação entre a teoria apresentada pelos autores, pelos teóricos estudados e pela prática vivenciada durante o processo formativo.

Como é um trabalho ancorado na autobiografia, sinto-me autorizada a usar a primeira pessoa do singular neste texto e enfatizo aqui que o meu percurso ao longo do período de formação docente na UNEB/*Campus* XI/Serrinha se estabeleceu por meio de trocas de saberes e experiências vivenciadas ao longo do tempo, com espaços-tempos de formação felizes e infelizes, pois não foi fácil superar as dificuldades e chegar à conclusão do curso devido às inúmeras situações que interligam a vida e a formação profissional, sobretudo quando a pessoa é oriunda de classes sociais menos privilegiadas, oriunda de contexto rural, com um histórico de baixo capital econômico e cultural.

Este artigo encontra-se estruturado em cinco seções. Nesta primeira, “Olhar-se: por uma introdução”, apresento alguns elementos que justificam a

escolha pela temática e situo o leitor sobre a questão mobilizadora, os objetivos, a metodologia empregada e a estruturação desta escrita.

A segunda seção, nomeada como “Memorial e narrativas de formação”, tem a intenção de destacar os primeiros passos trilhados em meu processo formativo, enfatizando as experiências vivenciadas na infância e que acabaram influenciando diretamente em minhas escolhas acadêmicas. Assim, faremos uma correlação entre os conceitos apresentados pelos autores ao discutirem sobre memorial de formação as narrativas autobiográficas elaboradas durante a formação acadêmica.

A terceira seção, intitulada “Do baú de memórias: as aprendizagens decorrentes da formação inicial docente no DEDC da UNEB de Serrinha”, tem a intenção de enfatizar as experiências vivenciadas no período de formação docente, destacando momentos marcantes da trajetória acadêmica, possibilitando, assim, estabelecer uma relação direta entre a teoria e prática, ou seja, o que é apresentado pelos autores educadores e a prática vivenciada no âmbito acadêmico.

A quarta seção, “Da teoria à prática: vivenciando a sala de aula durante o Estágio Supervisionado”, intenciona destacar as aprendizagens adquiridas em um dos momentos mais importantes na formação docente, os estágios supervisionados, nesse momento o estudante de licenciatura consegue conhecer as realidades das escolas brasileiras e assim correlacionar as teorias discutidas durante a sua formação. É de grande importância que o estudante de licenciatura esteja aberto para esse momento, visto que, é uma oportunidade de vivenciar o exercício da profissão docente além de oportunizar a construção laços afetivos com os educandos, o que deixa a experiência ainda mais rica.

A quinta seção, “Fechando a escrita: tecendo reflexões conclusivas” tece as considerações finais sobre esta escrita, retoma pontos essenciais que envolvem a minha formação docente, acompanhadas, sequencialmente, pelas referências, pelos autores e obras que me ajudaram a estabelecer uma escrita fluida do vivido e das aprendizagens decorrentes da formação inicial docente.

Memorial e narrativas de formação

Reservo este espaço para relatar os primeiros passos da minha jornada, destacando os acontecimentos que ajudaram a definir as escolhas tomadas por mim. Nasci em uma tarde ensolarada no dia 09 de março de 1983, na cidade de Santaluz-BA[1], morava em um povoado próximo ao município de Araci[2], chamado Tapuio.

Gostaria de evidenciar que a família teve uma forte presença na minha formação pessoal, moldando quem hoje sou, através da educação que recebi. Desse modo, "[...] a família é o lugar fundamental de tais lembranças e mediações", conforme nos assegura Souza (2011, p. 170).

Sou a segunda filha de quatro irmãos, minha mãe Maria de Lourdes, além de ser professora do município de Araci vendia pastel e geladinho para nos manter. Já meu pai, Maximiano Pinho de Carvalho, estudou até o 4º ano e trabalhava de motorista. Lembro-me das dificuldades que tiveram para criar cinco filhos e da ajuda de minhas avós que costuravam nossas roupas e nos enchiam de amor.

Tenho doces lembranças dos banhos de tanque, quando íamos buscar água ou lavar roupa, de nossas idas às matas colher frutas como umbu, cajá, seriguela ou simplesmente cortar mandioca, fazer beiju. Tudo era muito prazeroso e, sem que eu percebesse, começava o meu contato, de modo empírico, com a ciência geográfica, observando e vivenciando as paisagens por onde andava.

Era uma menina muito curiosa com relação à natureza e aproveitava esses momentos para observar a paisagem, o céu, o tempo, as cores da vegetação, os riachos. Quando tinha oportunidade de viajar, eu ficava sempre ao lado da janela para ter esse contato visual e isso me proporcionava um bem interior enorme com muita paz e singeleza que a vida me permitiu experimentar. Na medida que ia estudando ficava fascinada com os livros. Aos 7 anos fiquei interessada em descobrir mais sobre vulcões, porém naquela

[1] Santaluz é uma cidade localizada no interior do estado, a 273,7 km de distância de Salvador, capital do estado da Bahia.
[2] O Município de Araci é localizado no interior do estado, a 221,5 km de distância de Salvador, capital do estado da Bahia.

época não havia tecnologia e nem recursos financeiros e isso me privou de muitos conhecimentos.

No ano de 1991, fomos morar em Serrinha-BA, mas fiquei aos prantos com esta mudança. Tentava conter a saudade que não cabia no peito porque sabia que perderia parte da minha liberdade no novo lugar que se anunciava. Por isso, sofri muito e as dificuldades só aumentavam. Os *bullyings*, naquela época de escola, já existiam e estavam a todo vapor. Ao passar por várias situações distintas, me senti perdida no mundo. Era tudo estranho, todavia, esse ciclo foi superado porque eu tinha sede por vida, por mudanças e esta vontade me mobilizava e me levou ao renascimento, destruindo, institivamente, todo o pensamento e situações desfavoráveis.

A primeira escola que tive contato na cidade de Serrinha foi na Escola Municipal Ivete Oliveira[3], onde estudei durante a 4ª série, atual 5º Ano escolar do Ensino Fundamental. Foi um período turbulento e passei a maior parte do tempo sem aula, devido ao afastamento da professora. Após alguns meses, colocaram uma estagiária para substituí-la. Como durante o intervalo a professora estagiária ia à casa da sua avó, eu a acompanhava todos os dias para fugir dos colegas que me causavam *bullying,* que insistiam com as intimidações e humilhações que passava. Lembro-me que esta situação na escola, as humilhações e provocações, me causava medo e eu desejava ser transferida para outra escola.

No ano seguinte, estudei no Colégio Estadual Rubem Nogueira[4]. Fiquei encantada com a estrutura da escola que parecia um castelo. Do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental tive vários professores inspiradores que trabalhavam com aulas dinâmicas, *rap* de músicas de acordo com as temáticas abordadas, redações, mapas temáticos, peças teatrais com diferentes temas escolares, aulas de campo e música. Recordo-me que foram anos inspiradores que deixaram uma boa base educacional.

[3] Unidade pública de ensino, da rede municipal, localizada na Rua Basílio Cordeiro no bairro Ozéias, no espaço urbano de Serrinha.

[4] Escola mantida pelo governo do estado, localizada na Praça Astrogilda Guimarães, popularmente conhecida como Praça Morena Bela, 135, no Bairro Centro, da cidade de Serrinha.

Cursei o ensino médio na Escola Normal de Serrinha[5] que, naquela época, oferecia os cursos de Magistério a nível médio e o de Formação Geral. Tentei me matricular no Magistério no Ensino Médio, mas não consegui porque não me informaram que era necessário fazer uma prova no início do ano letivo para cursar o magistério. Eu já tinha o sonho de ser professora e a possibilidade de não realizar esse sonho me deixou bastante chateada. Tentei argumentar com a diretora e professores, chorei, mas nada adiantou. Fui obrigada a fazer o curso de Formação Geral que preparava para o vestibular e não era profissionalizante como o de Magistério, como queria.

Na Escola Normal de Serrinha tive a oportunidade de conhecer e aprender com diversos professores e as disciplinas de Geografia, Biologia e Português ganhavam destaque. Como os resultados dependem das nossas escolhas e de força de vontade, conclui o ensino médio, fiz o ENEM e fui aprovada em uma universidade pública para o curso de Biologia, em Salvador. Foi tanta felicidade porque se tratava de uma menina oriunda de contexto rural, que teve todo seu ensino básico na rede pública, conquistando o seu espaço e podendo realizar um sonho que aparentava ser distante. Entretanto, meus pais não me deixaram cursar a faculdade porque era em uma cidade muito distante de onde vivia.

Fique desolada e com uma tristeza que parecia não ter fim, pois perder a oportunidade que eu tanto almejava, confesso, me fez perder completamente a vontade de estudar. Então, fui trabalhar em áreas que não tinham nada a ver com a educação e abandonei a vontade pelos estudos dentro de um baú imageticamente trancado. Como os caminhos são entrelaçados, tive o prazer de reencontrar uma colega do Ensino Fundamental que acabara de concluir a Licenciatura em Geografia. Seu incentivo foi constante e fundamental para eu desejar embarcar em um novo ciclo de aprendizagem. Assim, a necessidade pela busca do conhecimento que tinha ficado para traz se renovou e reativou os saberes geográficos descobertos na infância, me permitindo embarcar na sapiência que me levou a lugares incríveis.

Em 2014, se iniciou um dos maiores desafios da vida. Depois de muito tempo, quase 10 anos longe dos livros, fui aprovada no curso de Licenciatura

[5] Colégio público, da rede estadual de ensino, localizado na rua André Negreiros Falcão, 132, no Bairro Centro, na cidade de Serrinha.

em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia, a UNEB de Serrinha. Esta inserção surgiu diante de uma nova realidade, em meio a uma vida agitada com uma filha de 2 anos e 10 meses, casa, trabalho, família, desafios por trás dos bastidores de formação universitária, desconhecidos por muitos. Tanta luta para ter um futuro melhor, ajudar a formar aqueles que precisam e os incentivar na continuidade de seus estudos, importantes para os desafios que são próprios da vida.

Do baú de memórias: as aprendizagens decorrentes da formação inicial docente no DEDC da UNEB de Serrinha

Ao adentrar o DEDC, *Campus* XI, da UNEB/Serrinha, as dificuldades foram surgindo. Que primeiro semestre difícil! Tudo era novo, muita demanda de trabalhos, resumos, resenhas, artigos, seminários e estudando tantas coisas que cheguei a pensar que não faziam parte da Geografia, até descobrir que é mais abrangente do que eu pensava ser. Assim, os conceitos-chaves foram surgindo e era perceptível a real importância da Geografia em nossas vidas.

O curso de Licenciatura em Geografia do DEDC/UNEB/*Campus* XI[6] proporciona um leque de informações imprescindíveis à formação do professor e do sujeito e essa vontade de aprender aumentava cada vez mais. Nesse sentido, concordo com Silva (2014), ao destacar que:

> Não basta saber geografia. É preciso saber comunicar o que a geografia diz. A boa comunicação exige um bom método. Como se sabe, o método não é o caminho, mas a caminhada, não é o território, mas a representação dele. Para comunicar bem o que diz a geografia é preciso tê-la no imaginário, esse hiper-rel, mais real do que o real, onde o afetivo dá sentido ao que, sem isso, seria, no máximo, um acidente geográfico ou um ponto colorido numa página coalhada de linhas de um velho atlas escolar. (SILVA, 2014, p. 32)

Cheguei com muita força de vontade e virava a noite em busca do conhecimento. Relembro a fala de uma professora “dormir era perder tempo” e assim a coloquei em prática. Dormia poucas horas e lia tudo que os professores solicitavam durante a madrugada, já que não tinha tempo durante

[6] O Curso de Licenciatura em Geografia do DEDC/UNEB/*Campus* XI, foi criado no ano 2005.

o dia por causa de outras demandas, sobretudo pessoais e familiares. Assim, os finais de semana eram dedicados à aprendizagem, fazendo-me esquecer do lazer durante anos. Isso foi necessário! Conheci um grupo de amigas Natiele Santiago, Aurenir Ramos e Mariane Oliveira e ficamos na mesma equipe até o fim do curso da licenciatura. Uma sustentava o outro no momento de desespero, dúvida, ensinamento e todo esse acolhimento e afeto permitiu chegar até aqui.

A vontade de aprender era tanta, que a consciência só enxergava as oportunidades de avançar na aprendizagem, pois queria resgatar o tempo perdido e fazer a diferença na vida dos alunos, do mesmo modo que a teoria nos fazia enxergar uma geografia diferente da aprendida na escola. Participei de alguns seminários como ouvintes: ISEPEGEO[7], NUPE[8], PIBID[9], MINICURSO[10]. Tudo era motivo para ganhar experiência e aprendizagens. Ficava encantada com tudo que ocorria naquele auditório da UNEB de Serrinha, um dos lugares mais especiais do *Campus XI*, local onde o encontro de saberes estabelecia uma conexão humana. E, nesse embate de experiência, ali eu estava com um bloquinho de anotações tentando extrair o melhor daqueles que passava por aquele lugar, com suas vozes cheias de conhecimentos e inspirações.

Na primeira disciplina de Prática de Ensino em Geografia, a professora solicitou inicialmente uma narrativa intitulada “Quem sou eu?”. Fiquei tão contente em poder fazer essa descrição que achei tudo aquilo uma maravilha. Aos poucos, as narrativas foram surgindo com a oportunidade de relatar um pouco mais sobre minhas experiências para além do espaço acadêmico. Nesse sentido, Sousa e Cabral (2015) destacam que, além da simples lembrança, a memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras coisas, rememorar experiências diversas, da vida pública ou da vida privada.

No decorrer do semestre com aulas dinâmicas sempre havia uma novidade. Aprendi muito durante as práticas de ensino, principalmente sobre a importância de trabalhar em sala de aula com as diversas linguagens como cartografia, músicas, história em quadrinhos, charges e abordar temáticas de

[7] Seminário Integrado de Pesquisa e Extensão em Geografia
[8] Núcleo de Pesquisa e Extensão
[9] Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
[10] Agricultura Brasileira ou Espaço Agrário Brasileiro, Agroecologia e Planejamento Ambiental.

maneira significativa para o aluno, como àquelas que envolviam localização geográfica, direção, lateralidade, dentre outras. Desse modo, conseguia estabelecer relação com o que Ribeiro *et al* (2019) afirmavam sobre o uso das metodologias e o ensino, ao dizer que “A utilização das diversas linguagens em sala de aula constitui-se como importante estratégia metodológica que potencializa o processo de ensino- aprendizagem, pois permeiam os mais variados dispositivos e artefatos”. (RIBEIRO *et al*. 2019, 108)

Ao longo do curso de Licenciatura em Geografia, me deparei com diversas disciplinas, cada uma com seu significado. Os professores traziam consigo uma bagagem de ensinamentos que, humildemente, eram colocados diante de nós. O ambiente acadêmico tinha muita humanidade, que era percebida em cada dia de aula. Fui testemunha de vários relatos de colegas. Recordo que em um estudo dirigido, um professor mudou a ordem de apresentação de todas as equipes de um seminário porque eu havia chegado com minha filha de Feira de Santana, onde ela estava internada. Eu queria ser a primeira a apresentar para poder voltar logo para casa e cuidar dela. No entanto, ao perceber que eu estava abalada emocionalmente, o professor cancelou a apresentação do seminário naquele dia. Esta situação me fez lembrar de Nóvoa (1995), quando fez a seguinte afirmação sobre a reflexividade crítica da prática. Assim ele disse:

> A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber experiência. [...] A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. (NÓVOA, 1995, p. 26-28)

De fato, a formação perpassa por processos e as aprendizagens são construídas a todo instante porque o processo formativo vai além da teoria. É preciso observar o que está se passando na vida dos alunos, ter um olhar humano e diferenciado que permite agir na hora certa e dá a oportunidade para aqueles que, por algum motivo, não conseguiram avançar, quebrar a barreira.

Relembro também de um professor que, ao perceber que a maioria da turma não atingiu o avanço necessário, revisou o assunto novamente e propôs uma nova avaliação, na qual o desempenho da turma foi totalmente diferente do esperado por ele. Nota-se, assim, que o conhecimento não está apenas no papel, pois o processo de aprendizagem é diário e, por esse motivo, tanto o quantitativo, quanto o qualitativo, deve ser valorizado igualmente. No entanto, esse olhar humano ainda é distorcido por alguns.

Como toda história tem seu lado avesso, houve alguns professores difíceis nessa caminhada. Eles passavam textos e atividades o tempo inteiro, deixando as aulas cansativas.

Um dos pontos positivos na UNEB são as aulas de campo. Nossa turma teve o prazer de viajar por diferentes lugares e conhecer de perto o que foi ministrado em sala de aula. Conhecemos usina hidrelétrica, canyon, sítio arqueólogo em Paulo Afonso, processo do couro e fábricas em Tracupá, etapas do sisal em Retirolândia, plantações de uva, vinícola, Juazeiro – Petrolina, plantação de mandioca, artesanato quilombola, plantação de tomate, seringueira e escola Sul da Bahia, morros, cavernas em Chapada, pontos turísticos de Salvador e Cachoeira de São Felix, além de aprender sobre diferentes culturas, tipos de solo, dentre outras temáticas que envolvem a Geografia. Essas viagens nos proporcionaram um entendimento único, visto que é enriquecedor vivenciar tudo aquilo de perto, de modo que as aprendizagens se tornaram mais significativas.

Da teoria à prática: vivenciando a sala de aula durante o Estágio Supervisionado

As experiências em sala de aula foram marcadas por distintas perspectivas. Na UNEB, agregamos muito conhecimento que pode ser ressignificado e trabalhado em sala de aula com os alunos, mas infelizmente a realidade das escolas públicas é diferente da teoria.

No primeiro contato com uma escola, fizemos uma pesquisa sobre o entendimento de Geografia com os alunos do 6º ano no Colégio Municipal

Leobino Cardoso[11]. Esses alunos foram resistentes a essa pesquisa e a professora desmotivada, falou sobre as dificuldades da sala de aula e de sua vontade de se aprovada em um novo concurso, mesmo formada na área de Geografia. Ela estava cansada daquela situação.

As pesquisas nas escolas eram constantes e a vontade de conhecer a realidade, tanto na sede quanto no espaço rural crescia a cada semestre. Passei por uma observação no Colégio Ivete Oliveira, na qual a professora não utilizava aulas expositivas e nem o livro didático, pois achava que os conteúdos eram difíceis e que os alunos não conseguiam acompanhar. Ela era formada em História, mas lecionava Geografia porque era a vaga disponível na escola.

A ação de pesquisar o contexto escolar não ficara restrita apenas às disciplinas de Prática de Ensino e isso foi de grande importância para minha formação. Fizemos pesquisa na Escola Joanice Silva Lima[12], localizada no povoado de Serrinha, com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e encontramos diversas realidades. As escolas localizadas no contexto rural têm as suas peculiaridades e merecem um olhar mais cuidadoso, já que quem mora na roça é, geralmente, marginalizado pelo Estado, pois:

> A roça, nesta investigação, é compreendida como um espaço que tem um modo de viver singular, um lugar específico, onde os colaboradores nasceram, cresceram, moraram, trabalharam e se utilizaram da terra para o seu próprio sustento. Um rural retalhado de pequenas propriedades destinadas à agricultura familiar, onde as populações rurais são, muitas vezes, marginalizadas, retalhado de pequenas propriedades destinadas à agricultura familiar, onde as populações rurais são, muitas vezes, marginalizadas, empobrecidas e desassistidas pelo Estado. (OLIVEIRA, 2017, p. 203)

O espaço era outro, mas as vivências eram semelhantes a qualquer escola. É necessário se permitir a aprender com cada experiência, seja você o meio ou o fim dessa busca de conhecimentos. “O espaço é, [...] tanto um reservatório de formas e sentidos [...], quanto um recurso e uma produção” (DELORY-MOMBERGER, 2008 p. 106). Apesar de muito tempo longe da

[11] Esta unidade escolar é da rede pública de ensino e situa-se na Avenida Luis Viana Filho,941, Bairro Centro na cidade de Serrinha.

[12] Esta escola faz parte da rede de ensino público, que oferta do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), Eixos IV e V, no turno noturno. A pesquisa realizada nesta unidade escolar tinha como objetivo identificar o nível de interesse dos alunos na disciplina de Geografia e mapear as dificuldades pedagógicas do professor da disciplina durante as aulas e estruturais da escola.

escola e da dificuldade de concluir os estudos com o trabalho, filhos, família, entre outros, mesmo assim, os alunos demostravam interesses em aprender. Eles estavam ali fadigados da rotina, porém, com o propósito de resgatar seus sonhos.

A cada experiência surgiam as incertezas do difícil papel de atuar como professora. No entanto, estar ali, na condição de professora, mesmo estagiária, era necessário para agregar saberes, já que os espaços formativos são vitais na formação de sujeitos significativos.

Para Delory-Momberger (2014),

> [...] o sujeito se constitui verticalmente na relação que ele mantém com sua própria temporalidade, sua identidade se constitui horizontalmente na relação com os outros. As experiências e as significações da vida não agem sobre a relação única consigo mesmo; elas devem seu conteúdo e sua validade às relações subjetivas que o sujeito encontra desde as primeiras redes de pertença. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 222)

Assim, percebi que toda vivência adquirida transforma o indivíduo e o faz estabelecer uma conexão entre o que foi vivido e o que estará por vir. A pessoa pode não ter projetado o seu futuro, todavia aprende a interpretar as experiências para um melhor conhecimento de seu percurso.

Lembro-me de um projeto que fizemos no Colégio Municipal Leobino Cardoso Ribeiro, fomos convidadas a observar algumas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Alguns alunos nos receberam na entrada da escola falando que já haviam expulsado dois professores de sua turma, tentando nos intimidar. Em uma das turmas, a professora não conseguiu conter os alunos, a maioria era de repetentes, jogavam papel nos colegas o tempo inteiro. O sinal tocou e ela não conseguiu dar aula. Assim, percebemos que o professor fica sobrecarregado tendo que ocupar também o papel da família na educação dos alunos na escola. A presença da família nas escolas é necessária e é a maior diferença entre a realidade das escolas particulares para as escolas públicas é a falta de tempo dos pais, pois a maioria é constituída por trabalhadores que necessitam cumprir horários em seus ambientes laborais. Enfim,

> A presença, o acompanhamento e a fiscalização dos pais na vida escolar dos filhos – frequência na escola, cumprimento das tarefas solicitadas, definição de agenda, rotina de estudos, dentre outras – são ações importantes no processo de escolarização porque influem em outros momentos da vida e se reverberam nas dimensões pessoais e profissionais. (OLIVEIRA, 2017, p. 203)

Escolhemos uma turma um pouco mais calma do 7º ano do Ensino Fundamental para estagiarmos. Um aluno dessa turma nos chamou atenção ao colocar a cadeira ao lado da professora para ouvi-la melhor e por interagir muito durante as aulas. A professora falou que aquela situação a motivava e que um ou dois se destacavam e isso já seria motivo de alegria. Ela era bem dedicada e amava a profissão. Trabalhava 60 horas, era formada em Licenciatura em Geografia e realizava um bom trabalho, mas não cogitava reduzir a carga horária de trabalho por motivos financeiros.

Durante a realização do projeto, a escola não liberou o data show e minha colega teve que trazer emprestado de outra cidade. Ministramos aulas expositivas, trabalhamos com mapas e quebra-cabeça quando, em equipes, os alunos montaram as diferentes regiões do país. Retratamos as diversidades culturais através de um *Quiz*[13] e houve bastante interação por parte dos alunos. Foi uma experiência muito boa, apesar das dificuldades e precariedade da escola. A professora nos motivou com suas experiências, saberes e competência de modo que a vontade de atuar começou a crescer novamente.

No estágio seguinte, decidi conhecer a realidade de uma escola localizada no contexto rural, situada no povoado de Água Boa[14]. Escolhi a turma do 6º ano e percebi que os alunos sentiam excluídos. A professora era formada em História e os alunos falavam que ninguém gostava deles por terem grande dificuldade em ler e escrever. A proposta foi trazer a esses alunos algo novo através de aulas dinâmicas. Utilizei música, maquete, imagem e vídeos como dispositivos didático-pedagógicos para ensinar e aprender temas e conceitos da geografia Escolar.

A escola, além de não dispor de data show, tinha poucos recursos e eu tive que levar computador e caixa de som. Tive também que comprar os

[13] Quiz é o nome de um jogo de questionários que tem como objetivo fazer uma avaliação dos conhecimentos sobre determinado assunto

[14] Este povoado localiza-se a 12 km da sede do município de Serrinha e possui aproximadamente 250 habitantes.

materiais necessários para as aulas. Algo de bom tinha que acontecer com aquela turma. Era gratificante ouvir dos alunos após o término das aulas para voltar no dia seguinte. Acabei até ultrapassando a carga horária do estágio porque sempre que algum professor faltava ao trabalho, os alunos pediam a diretora da escola para que eu os substituísse. Nem via o tempo passar e a experiência era maravilhosa devido a sensação de dever cumprido.

Parte do estágio ocorreu na AABB comunidade, um espaço não formal. O amor pelos pequenos crescia a cada dia. Eram alunos de 4 a 7 anos e o trabalho realizado foi sobre ludicidade e cartografia. Os alunos ficavam encantados com a proposta de estágio porque envolvia ludicidade e queriam brincar e aprender ao mesmo tempo. Mais uma vez o local não disponibilizou os recursos didáticos necessários. Vários brinquedos foram confeccionados e no final doamos para brinquedoteca.

A fim de ampliar a ideia, fizemos uma oficina com os professores de Pedagogia em formação, mostrando a forma de trabalhar a Geografia em sala de aula, destacando a importância da interdisciplinaridade e dos conhecimentos cartográficos a serem trabalhados desde a alfabetização.

Em um projeto no Colégio Estadual Rubem Nogueira, com os alunos do 3ºano do Ensino Médio, os alunos aprenderam, através da produção de mapas colaborativos, avaliar as implicações socioeconômicas políticas e aspectos naturais resultantes do processo de produção do espaço urbano de município de Serrinha. Com minhas colegas de turma, fizemos um trabalho de campo, alugamos uma van[15] e convidamos os alunos para conhecer os bairros Princesa do Agreste e Maria do Carmo[16]. Através desse trabalho, os discentes compreenderam as implicações provocadas pelo processo urbano, destacando as contradições que, apesar de sua proximidade, a diferença dentro desse contexto era grande.

Toda história tem seus contratempos nesse período vivencie os desafios doando-se ao máximo no caminho da docência. Devido à demanda e o dia a dia atribulado, adquiri uma estafa. Nesse período descobrir alguns problemas de saúde e, por ordem médica precisei me afastar da UNEB.

[15] Veículo que permite levar entre 10 e 15 pessoas.
[16] Esses bairros estão localizados no subúrbio de Serrinha e fazem parte do contexto do espaço urbano do município.

Após um ano, retomei para concluir o último estágio no ensino médio, na escola 30 de Junho. Fiquei com a turma de uma professora dedicada que propôs a mim e meu colega trabalhar com todos os conteúdos, já que os alunos não teriam esses conteúdos no ano seguinte e precisavam aprender para não ficarem com aprendizagem deficitária. Então, foi uma corrida contra o tempo. Com a carga horária de Geografia reduzida, foi um desafio muito grande para minha dupla. Estudamos e nos doamos a esse novo processo. A parceria estava dando certo. Foi uma experiência marcante e difícil. Os alunos sabiam o que queriam, interagiam e tiravam as dúvidas. Mas como toda escola pública, a dificuldade de aula expositiva estava presente. Havia apenas duas salas de vídeo disponíveis para todos os professores e era necessário agendar com 8 dias de antecedência. Enfim, deu tudo certo. Nas aulas expositivas, foi utilizado o *Quiz*, fizemos as avaliações através de provas, trabalhos com mapas mentais, charges, música e um novo ciclo foi encerrado com muito aprendizado e dedicação.

Então, das memórias do estágio supervisionado, as mais significativas estão relacionadas às formas de ensinar temas e conceitos da Geografia, do quanto é necessário dinamizar as aulas, ligadas à importância de aproximar os conteúdos geográficos às diferentes realidades dos alunos, tornando-os agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem, situações essas imprescindíveis para a constituição da identidade docente, do ser e do fazer em sala de aula e da contribuição social dos conteúdos geográficos na vida dos alunos.

Fechando a escrita: tecendo reflexões conclusivas

Para Pinheiro (2015), escrever um texto, cuja referência é a memória, pode parecer arriscado, principalmente quando se trata das lembranças daqueles que a escreve. No entanto, são as recordações que também se referenciam em vivências e práticas. As lembranças permitem recordar desafios encontrados diante de uma trajetória de formação, evidenciando que a

teoria é bem diferente da prática. Os esforços, apesar de numerosos, mostram que nem tudo sempre está ao nosso alcance.

Esse processo de formação inicial me ajudou a compreender a realidade das escolas púbicas, que na maioria das vezes, não têm ou disponibilizam os recursos necessários para atuarmos da forma que planejamos na sala de aula. Vários fatores fazem com que todo professor tenha preparado algumas alternativas para vencer as adversidades. Para realizar um trabalho diferenciado é necessário que o professor invista seu tempo e, muitas vezes, recursos financeiros, para qualificar suas aulas e se especializar.

Ao recordar cada passo dado durante minha trajetória de formação inicial, consigo refletir e considerar que as realidades encontradas nas escolas são diversas e que para se tornar um docente qualificado não existe um manual, mas sim o exercício da prática vivenciada, visto que segundo Cavalcante (2011) a vida profissional está inserida em um contexto sociocultural e permeada pelos elementos formadores que cada um vive em seu cotidiano (gostos, crenças, posição política, relacionamentos, os grupos dos quais participa, dentre outros elementos).

A cada espaço visitado tive a oportunidade de atuar, conhecer e refletir sobre suas diferentes realidades. As escolas públicas se configuram com um espaço de grande importância social, para tanto é imponte destacar os problemas enfrentados nesses espaços. A estrutura física danificada, falta de recursos e dispositivos metodológicos comprometem a qualidade das aulas e o trabalho do professor que está direcionado a essa difícil realidade. Vale salientar também que muitos alunos e professores dependem do transporte escolar. No entanto, as dificuldades moldam as pessoas tornando-as mais experientes e emocionalmente fortes. Segundo Pinheiro (2015), a própria história de vida e as experiências vivenciadas e acumuladas durante o exercício profissional é um processo que leva o sujeito que relata a repensar suas ações no presente e no passado.

Então, nessa perspectiva, destaco que meu processo formativo se configura como um processo contínuo, construído a partir da inter-relação do meu cotidiano escolar enquanto estudante da educação básica até o momento atual, sendo possível afirmar que este processo não terá um fim, visto que, a todo momento é possível conhecer e vivenciar novas experiências.

Ao relacionar os elementos descritos durante a formação inicial docente, tem-se elementos de grande relevância que demostram que o professor se caracteriza como um narrador, sendo um sujeito ativo em sua própria história de vida e formação. Nessa perspectiva, concordamos com Sousa (2012), ao destacar que narrar histórias e contar a vida se caracteriza como uma possibilidade de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores, por meio do percurso da vida e formação.

A universidade se constitui como um espaço formativo repleto de saberes, processos e experiências. As aprendizagens que giram em torno desse campo podem e devem ser manifestadas em diferentes formas. Durante minha trajetória nessa instituição foram construídos elementos fundamentais para minha formação.

Fazer o curso de Licenciatura em Geografia reforçou a importância dessa ciência que está ao nosso redor, cujos conteúdos e temáticas possibilitam a formação de cidadãos críticos e atuantes. Nesse enredo de conhecimentos significativos e experiências marcantes, levo a bagagem os saberes construídos ao longo dessa caminhada. E assim, encerro mais um ciclo com gratidão a todos que passaram por mim, deixando seus conhecimentos e saberes em forma de amor.

Referências

CAVALCANTE, Rejane M. Duran Dirques. **A narrativa docente: uma prática de formação**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, 07 a 10 de novembro de 2011, p. 113-126. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5260_2566.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine**. As histórias de vida:** da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014, 362 p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia, corpo, espaço. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.) **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 93-109.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Simone Santos de. **"Travessias" de aluno de escola da roça a professor de universidade:** percursos de vida e trajetórias de formação. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

PASSEGUI, Maria da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: Passeggi, Maria da Conceição; Silva, Vivian Batista da (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PINHEIRO, Antônio Carlos. Vivências e práticas na formação de professores. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs). **Educação Geográfica:** memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 113-126.

SILVA, Juremir Machado da. O imaginário da Geografia e a Geografia do imaginário. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al* (Orgs). **Aprender a ensinar Geografia:** a vivência como metodologia. Porto Alegre: Evangraf, 2014, p. 31-38.

SOUZA, Elizeu Clementino. O que fica por dizer: memórias cruzadas em histórias de formação**.** In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Memórias:** tempos de escola. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011c, p. 165-178.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si:** narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004, 344 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.

SOUSA, E, C; ALMEIDA, J, B. Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Pesquisa (auto) biográfica em rede**. Natal: Ed. UFRN; Porto alegre: Ed. PUCRS; Salvador; Ed. UNEB, 2012, p. 29-31.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.